

TRAÇOS MODELADOS: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM DESENHO PARA CONSTRUÇÃO DOS MOSAICOS NA OFICINA DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA DO CUCA/ UEFS

Geisiel Gomes Ramos

UEFS/CUCA – Universidade Estadual de Feira de Santana/ Centro Universitário de Cultura e Arte.
zeuramos@hotmail.com

Resumo

O presente artigo direciona-se aos registros da experiência pedagógica nas oficinas de mosaico básico e intermediário, durante o período de 2014 a 2017, desenvolvidas na Oficina de Criação Artística- OCA, do Centro Universitário de Cultura e Arte da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, tendo a operacionalização do desenho na modelagem das peças e elaboração previa dos projetos produzidos pelos alunos das oficinas. Trata-se das vivências em traços como condutor expressivo em formação a gramática própria desenhada e recortada. Relata o processo de construção das obras à exposição dos trabalhos, partindo do campo da experiência singular, proposto pelo filósofo Jonh Dewey como norteador na interação do campo artístico.

Palavras Chave: desenho, mosaico, processos criativos, processos pedagógicos.

Abstract

The present article addresses the records of the pedagogical experience in the basic and intermediate mosaic workshops, during the period from 2014 to 2017, developed at the Artistic Creation Workshop - OCA, at the University Center of Culture and Art of the State University of Feira de Santana- UEFS, having the operation of the drawing in the modeling of the pieces and previous elaboration of the projects produced by the students of the workshops. It is the experiences in traits as expressive conductor in formation the own grammar drawn and cut. It reports on the process of construction of works and exhibition of works, starting from the field of singular experience, proposed by the philosopher John Dewey as guiding the interaction of the artistic field.

Keywords: mosaic, drawing, creative processes, pedagogical processes.

1. Traços iniciais

O presente artigo busca demonstrar, através da experiência em sala de aula, investigando entre a teoria e prática, a dinâmica do desenho e o traço como condutor na elaboração dos elementos de criação das obras de mosaico, com o objetivo de produzir e

dialogar com o ambiente envolvido na produção, característica da experiência singular, proposta por John Dewey (1934).

O termo mosaico, a partir da definição do dicionário, significa: imagem ou padrão visual criado pela incrustação de pequenas peças coloridas sobre uma superfície (parede, piso, etc.), aglomerados e fixados por argamassa sob alvenaria. Etimologicamente, “a palavra é de origem grega e provém da forma antiga *mosaicon* que significa ‘paciente, digna das Musas’”, no sentido de “obra paciente, digna das Musas” (MUCCI, 1962, p.15). Uma técnica de representação artística muito antiga – originada nas civilizações como Egito, Mesopotâmia, Persa, passando pela Grécia e Roma, contribuindo com desenhos modulares – a qual, quase sempre, associada às construções arquitetônicas, como igrejas e palácios. Na Arte Bizantina, ligadas ao mundo religioso, o mosaico tem o sentido de revelação de divindades, deixando seu legado técnico na atual produção.

O mosaico é, tradicionalmente, uma forma decorativa de colar materiais, geralmente em pequenos tamanhos próximos um do outro, através do desenho previamente elaborado, formando a composição. No período de formação das primeiras imagens, do mosaico, sua função era elaborar a narrativa religiosa no sentido de querer ensinar aos fiéis sobre as passagens bíblicas e representações de imperadores. Essa arte remete aos rudimentos históricos da arte, logo aproximamos a John Dewey (1859- 1952), quando diz: “A arte celebra com intensidade peculiar os momentos em que o passado reforça o presente e em que o futuro é uma intensificação do que existe agora” (DEWEY, 2010, p. 82).

Nesse sentido, a forma, cor e brilho, nas imagens, tinham um valor simbólico e os mosaicos entre o século XV ao XIX, se destacaram pela imitação à pintura de representação figurativa. É importante tecer que, na produção dos mosaicos, houve poucas transformações, assim: “a primeira inovação aconteceu no período helenístico (323 a 146 a.C), quando ocorreu uma transição do uso de seixos rolados ao mosaico feito com tesselas quadradas pré-cortadas” (RUAS, 2014, p.56). Essa afirmação constitui na produção atual o resgate da expressão.

Notamos, pelo breve percurso histórico, os desdobramentos e procedimentos que também influenciaram artistas que adotaram o mosaico como expressão plástica e foram, assim, adaptando ao passar do tempo. Com os mosaicos artísticos, ilustrado na figura 1, desenvolvidos pelo arquiteto catalão Antoni Gaudí (1852 - 1926), transformou suas ações construtivas nos espaços arquitetônicos, chegando aos nossos dias de forma integrada à produção de mosaicos de alto valor estético.



Figura 1: Antoni Gaudí. Detalhe do mosaico Parque Guell, Barcelona.
Fonte: ZERBST, 2003, p. 154.

As obras de Gaudí demonstram, pela nossa abordagem histórica, em sala de aula, o reaparecimento da expressão acentuada de vitalidade das cores e organização das peças. O espaço de produção envolve o aluno na experiência caracterizada pela consciência do fazer em retomada aos princípios artesanais. Envolvidos, também, por leituras de imagens das obras em mosaico dos artistas, como Carybé, Di Cavalcanti, Antônio Carelli, Serafino Faro, Bramante Buffoni (RUAS, 2014). Entretanto, o espaço de produção “CUCA/OCA” é, também, motivo de influência e continuidade na construção das obras.

Em tempo, O Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), unidade responsável pela propagação de aulas e eventos artísticos, vinculado a Universidade Estadual de Feira de Santana, foi fundado em 1995, instalando um campo para a recepção da cultura, onde é aberto ao público com as oficinas de música, teatro, balé, pintura, desenho, mosaico, arte para criança, cerâmica, fotografia, e vídeo, além de outras oficinas agregadas a cada semestre letivo. O espaço está localizado no centro da cidade de Feira de Santana, na antiga Escola Normal, permitindo, assim, maior visibilidade para os eventos artísticos e culturais. Neste espaço, especializado, estão concentrados, também, outros setores que dialogam com a inserção do ensino e experimentação artística como: Museu Regional de Arte, o Seminário de Música, a Galeria de Arte Carlo Barbosa e as Oficinas de Criação Artística (OCA).

O espaço de ensino e aprendizado na OCA funciona como um ateliê, ou canteiro vivo para pensar e produzir as obras. O percurso com o desenho e mosaico, reforça os meios

construtivos no entrelaçamento da dinâmica da vida e as experiências construídas através dos processos metodológicos agenciados. Na oficina, o primeiro atua como gênese e demarcador de territórios, riscando nas peças a definição dos cortes; o segundo, na reconstrução dos desenhos com pedaços de azulejos/revestimentos cerâmicos coloridos cortados e colados em suportes de compensados de madeira. Decorrências instigadas pelo traço, o corte, fixando a importância do trabalho artístico com o social a partir de registros em: “virtualidades, acontecimentos, singularidades” (DELEUZE, 1995).

A repetição de cortes, desenhados e modelados revelam elementos peculiares na abordagem da construção plástica dos mosaicos artísticos. Relato, neste artigo, em condição de artista/pesquisador, as experiências colhidas no ambiente de produção e na exposição dos trabalhos dos alunos, vivenciadas nas oficinas de mosaico básico e mosaico intermediário, incrustando pedaços conceituais à proposta da ação educativa prático-teórica, entre os anos de 2014 e 2017. As questões relativas ao ensino e aprendizado nas artes visuais e o desenho como norteador à concepção dos trabalhos em mosaico, gerando estratégias reflexivas pela sua natureza inerente ao traço.

Na condição de artista/pesquisador, aproximo essa função pelas ações no meu percurso criativo como artista, no trânsito entre o desenho e o mosaico. Semelhante à prática pedagógica estimulada em querer aprofundar as questões no ambiente de ensino e aprendizagem como pesquisador, no campo dos processos criativos em artes visuais. Em síntese, a semântica e expressão dos participantes das oficinas é revelada pela experiência de concepção de uma obra de arte.

O objetivo proposto em sala de aula é dividido em três ações metodológicas: a primeira, instrumentalizar o aluno para que ele possa compreender a ampliação do desenho no suporte, o estudo de cores, as técnicas de corte com instrumentos específicos, o método de aplicação do mosaico de azulejos/revestimentos cerâmicos e finalização dos trabalhos; a segunda, possibilitar a discussão através do percurso na história da arte; e a terceira valorizar o espaço da OCA como atelier, que insere o praticante em categorias artísticas próprias ao sistema das artes, pela experiência na exposição final de cada semestre. A experiência plástica, no campo específico das artes visuais, e sua expansão no espaço do CUCA, permitem, ao participante da oficina, a interação e contaminação de outras oficinas e desperta, muitas vezes, experiências transformadoras na apreciação e no fazer artístico: “Por meio de imagens construímos nosso pensar, assim como organizamos seus produtos” (BUORO, 2002, p.31), logo, colocamos a participação como processo de estímulo à produção.

As junções conceituais desse relato, de caráter introdutório, são definidas pelo filósofo americano John Dewey, a partir dos apontamentos em seu livro *Arte como Experiência* (1934); na experiência com a arte e seu sistema pedagógico em trânsito. Segundo Dewey, uma experiência passa por um processo de continuidade.

Notamos, nas operações conceituais abordadas, que todas são estratégias inicialmente do universo sensível. Percebemos, ainda, que o pensamento de Dewey, na experiência pessoal, agrupa ações desenhadas, as quais valorizam o participante como criador no cruzamento poético, na busca de desenvolver, também, a prática da autoestima implícita na reconfiguração da imagem pelo mosaico. Convém observarmos que muitos alunos se encontravam distantes da esfera de vivência cultural e fazer artístico, assim, com a escolha da metodologia aplicada, específica nas artes visuais, baseada nas ações demonstrativas e participativas do saber fazer o mosaico, fornecendo informações e instruções necessárias ao aprendizado.

Com o entrelaçamento das ações proporcionadas pelo ato de traçar, cortar, modelar e colar, nos foi mostrado a busca dos encaixes entre teoria e prática. É preciso, antes de tudo, observar o começo da atuação enquanto professor: por onde começar a desenvolver a técnica de mosaico artístico? Como ensinar esta linguagem artística para o público não especializado?

Na trajetória, antes e durante o período do mestrado em Processos Criativos em Artes Visuais EBA/UFBA, 2015-2017, favoreceu alguns agenciamentos na participação da oficina, como professor de mosaico, tendo início em 2014, na Universidade Estadual de Feira de Santana na unidade Centro Universitário de Cultura e Arte. Percebemos pela ação de continuidade e extensão como meio de objetivar as práticas pedagógicas, enquanto na condição de pesquisador, a aplicação de conceitos geradores, no decorrer das oficinas que puderam apontar o repertório para produção prática dos alunos a partir das aproximações aos processos criativos. Entretanto, o objetivo desse artigo é mover-se pelas descobertas; deslocar, registrar e dinamizar o elemento agente do desenho, o traço.

2. Traços marcados

Os fragmentos modelados e colados tornam os registros mais significativos a partir das primeiras aulas vivenciadas pelos participantes. Tratemos rapidamente que na sociedade de consumo que estamos inseridos percebemos a vasta influência do mosaico

elaborados por materiais diversos, diluindo-se na composição de elementos repetidos próximos um do outro. As tecnologias digitais, também, têm a sua participação no momento da fase de testes ou distribuição de áreas mapeadas para escolha das cores a serem recortadas e coladas com o material específico.

Nos procedimentos de ensino, notamos que o desenho é o elemento significativo para produção artística do nosso mosaico, através do traço para marcar as peças a serem cortadas e organizadas no espaço compositivo. O traço, de igual modo, passa a ter eficácia na criação do ponto de vista real, simbólico ou da imaginação (RINALDI, 2008). O saber fazer é, nesta perspectiva, direcionado por técnicas manuais de artesanato, despertando, nos alunos, descobertas nas etapas de elaboração. O traço com o marcador/hidrocor, na peça de cerâmica esmaltada, conduz o alicate ao corte, ou seja, cada peça é montada por uma organização espacial, após enquadrar a imagem previamente desenhada no suporte como guia na distribuição das cores.

Conforme Dewey, em uma experiência, o meio carrega o passado que se distingue do novo a cada momento. Os desenhos preparatórios cruzam as fronteiras do papel, adquirem cores, linhas finas e espessas que mesclam as texturas sólidas e agudas do material cerâmico. Os tipos de corte com o instrumento próprio, por vezes, trapezoidal, triângulo, ou formas irregulares, são, inicialmente, traçados e modelados, dando seguimento ao desenho do suporte, verificados na figura 2.



Figura 2. Traços e recorte. Mosaico básico/ intermediário 2017.
Fonte: Acervo fotográfico do autor

Esse processo de construção é evidenciado pela demonstração, permitindo, aos participantes, a vivência na prática, o que segundo Edith Derdyk: “A vivência pode significar um caminho aberto para o desconhecido, ampliando a nossa consciência” (DERDYK, 2010, p. 17), que tem o desenho como gênese, abrindo, assim, encontros ímpares. Mais adiante ela afirma que, “A vivência, seja de natureza contemplativa, seja de natureza ativa, é condição para a nossa existência” (DERDYK, 2010, p.19). Podemos constatar, com base nessa premissa, que as nossas produções com traços marcados sobre a superfície do azulejo e modelados são singulares e poucos explorados nos manuais de mosaicos, assim, vivenciados, na prática, com os alunos, dimensionando nas reflexões com o ensino e aprendizagem.

2.1 Traçando comentários sobre a experiência na OCA

A OCA oferece uma sala para a realização das suas oficinas. A sala fica no subsolo da galeria Carlo Barbosa com aspecto ainda em pedras rústicas aparentes, favorecendo a percepção como espécie de laboratório vivo. Dispõem de equipamentos como quadro, datashow, pia, forno para queima de peças de argila, armários, mesas e cadeiras. Cada aluno leva sua história, elementos da cultura e singularidades para o ambiente de criação, participando do enfrentamento, em alguns casos, ao conhecer a forma de construção do mosaico pela primeira vez.

Deste modo, são imprescindíveis as observações de Dewey, no conceito de experiência, na proposição artística com as estratégias pedagógicas instauradas em sala, quando diz: “A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (DEWEY, 2010, p. 109). Nessa formulação, ter uma experiência, na oficina de mosaico, possibilita aos alunos juntarem os pedaços e cacos de revestimento cerâmicos ou azulejos para formarem obras e laços afetivos com o grupo, dialogando novamente com a sua afirmação:

Porque a vida não é uma marcha ou um fluxo uniforme e ininterrupto. É feita de histórias, cada qual com o seu enredo e movimento para seu fim, cada qual com seu movimento rítmico particular, cada qual com sua qualidade não repetida, que perpassa por inteiro (DEWEY, 2010, p. 110).

A partir da relação de abertura ao universo artístico, são confeccionadas as obras que contam a sua história pessoal, vivenciada no percurso criativo, que tratam aspectos da incompletude estética, na criação, tendo o desenho como método de orientação. As temáticas exploradas como fauna e flora, máscaras, figura humana, fundo do mar e releituras estariam recondicionando a própria experiência na relação ao mundo natural e o desenho como registro, dentro do campo tridimensional que adquire formas singulares.

Percebemos, a respeito dos materiais utilizados, que estes produzem sensações de enfrentamento e rigidez, conforme é notado na primeira impressão do aluno. Os procedimentos de elaboração do mosaico, neste viés, aproximam-se com interferência do desenho, nas peças que são quebradas, traçadas, modeladas e coladas, encontrando, assim, o seu devido encaixe, recompondo, deste modo, o desenho estabelecido em cores. As cores que, por sua vez, avançam e recuam, são discutidas nos exercícios de percepção. Tratemos, rapidamente, em Dewey, quando este aborda a ideia da experiência com o envolvimento de todo o “organismo humano”, colocando-nos em sala de aula/ ateliê em contato com a oficina de mosaico, na prática, pois: “o próprio material possui suas qualidades” (DEWEY, 2010, p.114), e se movem em projeções agudas a criação poética.

Observa-se, também, com a produção do mosaico e a técnica de encaixe e quebra-cabeça, conforme a figura 3, que o espaço e o tempo são características peculiares no encontro de soluções técnicas, com instrumentos específicos. Segundo, Dewey isso mostra que os materiais possuem suas qualidades.



Figura 3. Trabalhos dos alunos de mosaico intermediário. 2016/2017
Fonte: Acervo fotográfico do autor

É fundamental ressaltar a importância das experiências, pois é mantido um clima de integração entre o grupo e o professor, que parte da observação das dificuldades enfrentadas pelo aluno a serem trabalhadas, didaticamente, no enfrentamento entre o olhar e a mão:

A observação é uma habilidade quase inteiramente adquirida. É verdade que certos indivíduos nascem com uma aptidão para a atenção concentrada e para a coordenação entre olho e mão envolvida no ato de registrar o que é observado. Mas, na maioria dos casos, o olho (e os outros órgãos do sentido) precisa ser treinado tanto para a observação (percepção dirigida) como para notação (HEAD, 2001, p. 231).

O mosaico em si faz pensar pela psicologia na realidade, pois para construir uma imagem a partir de azulejos inteiros é preciso quebrar, ou seja, a construção desta arte nasce da destruição do que foi novo, pela montagem das peças e combinação de cores. Com a finalização dos desenhos, nos mosaicos, estão condicionados a outros projetos, além dos da sala de aula.

Esse processo de condicionamento, ao longo dos quatro anos ministrando a oficina de mosaico, foi percebido por meio de alguns núcleos, no aprendizado, erros, acertos e outros frutos de trocas de informações, pois, a cada ano surgem alunos de diferentes áreas do conhecimento. Além de potencializar métodos práticos com o desenho, estimulando a capacidade criativa do participante. Conseqüentemente, as fases de interação aos exercícios na oficina de mosaico, vivenciadas pelo aluno, produzem uma percepção do novo, capaz de esvaziar de uma sociedade violenta, preconceituosa, machista, tumultuosa, que aprisionam o humano da experiência estética. A estrutura dos procedimentos, para dar forma a cada peça recortada, formando uma imagem de pequenos, médios e grandes pedaços, proporcionais às superfícies, é adotada com êxito nos trabalhos de cada aluno, assim, confirmamos em Dewey: “A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade” (DEWEY, 2010, p.83).

Dito isto, os trabalhos desenvolvidos contribuem com as visualidades da geração de artistas na linguagem do mosaico, em Feira de Santana, permitido pelo ensino, como papel valioso na cultura por meio da arte.

2.2 Reflexão: o mosaico na exposição do CUCA.

Ao esquematizar a exposição, percebemos que o aprendizado do mosaico trata, em alguns casos, para o aluno, o claro caso de superação, notando o amadurecimento do olhar sobre o que é o mosaico e suas expressões, enriquecendo, assim, a sua bagagem cultural. É, também, o momento de reflexão sobre os resultados alcançados, ao longo da oficina, que inclui ao desenho a sua contribuição como fator de expansão às marcações geradas para os limites da peça cerâmica recortada.

Assim, a exposição é o resultado dos trabalhos executados pelos alunos, buscando relacionar com a cultura local os desdobramentos das oficinas em artes visuais e o resultado plástico. Desta forma, movimenta a cidade através da exposição que acontece na galeria ou museu do CUCA. Os trabalhos expostos são exercícios da disciplina vivenciada pelos alunos em atelier; do olhar, da mão e traços inerentes aos gestos de elementos abordados como ritos, a satisfação em perceber o seu quadro exposto ao público e dialogando com outras linguagens, tais como pintura, arte para crianças e desenho. A montagem revela elementos desenhados pela narrativa temática na percepção dos diálogos com quadros, entre a técnica tradicional e contemporânea do mosaico, aguçando a percepção do público.

De um modo geral, a experiência estética, na exposição mostrada na figura 4 e 5, dos mosaicos dos alunos, no espaço lógico de obras de arte, comunicam valores conscientes e inconscientes ao processo da sua formação cultural, retornando aos visitantes, conforme diz Dewey: “Para perceber, o espectador ou o observador tem de criar sua experiência” (DEWEY, 2010, p.137). Reforçamos o traço como gênese e norteador da semântica própria da obra pela experiência pessoal de cada aluno.

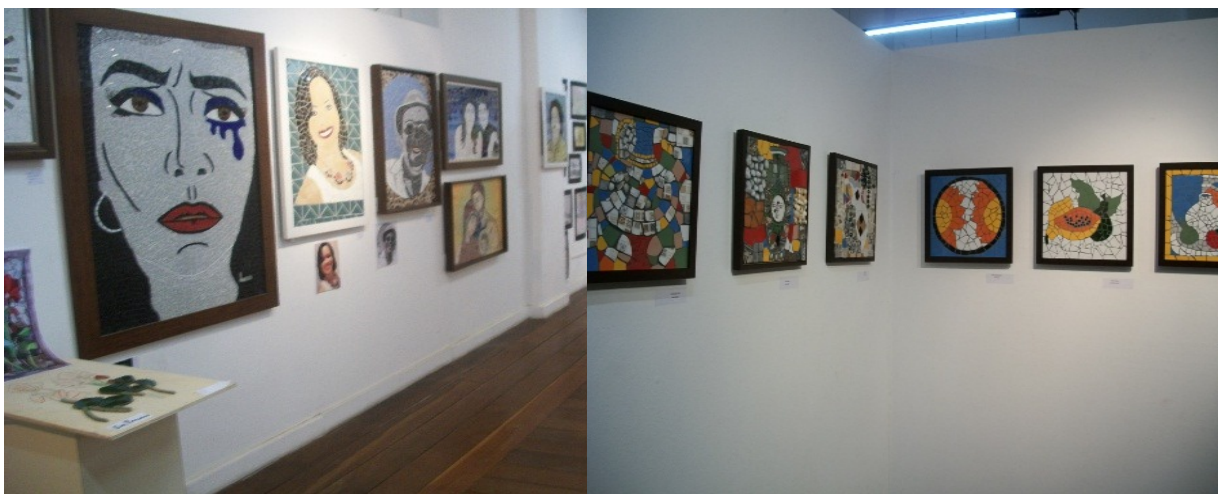


Figura 4. Exposição dos alunos 2014-2016
Fonte: Acervo fotográfico do autor

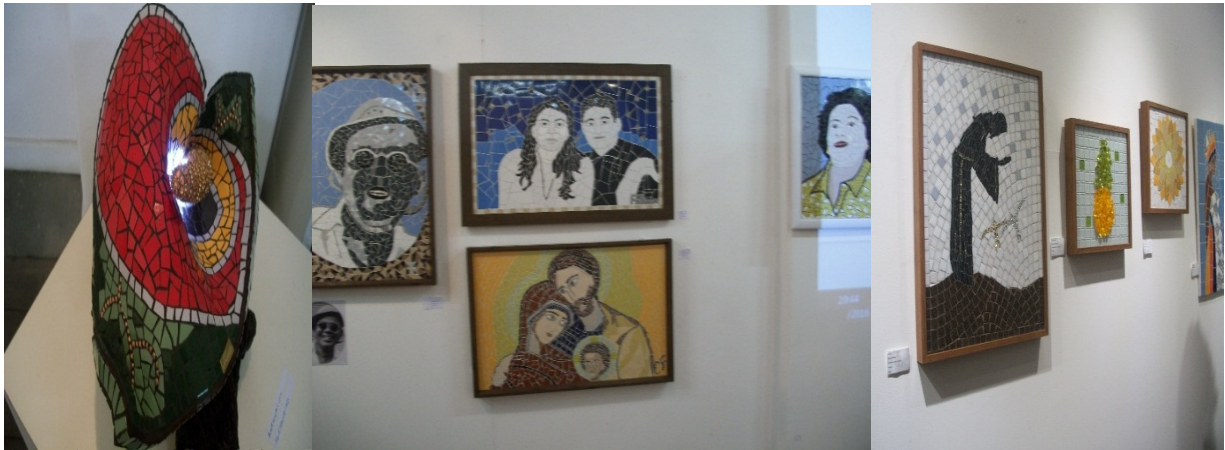


Figura 5. Exposição dos alunos 2015-2017.1.
Fonte: Acervo fotográfico do autor

3. Considerações finais

Mostramos com esse relato, conduzido pelo traço em acontecimento, as ações modeladoras, abordando reflexões voltadas para o ensino e aprendizagem como maneira de potencializar, na contemporaneidade, o desenho e o mosaico. Configuramos, através da proposta da experiência do autor citado, a ação e continuidade das singularidades dos participantes nas oficinas. Os procedimentos da apreensão de característica gráfica com o mosaico enfatizaram a natureza artística do aluno, na elevação cultural e estética. Os recortes históricos e os processos técnicos de elaboração dos mosaicos aproximaram a investigação pela experiência. O foco foi perceber o desenho como ação, direcionando elementos educativos em colaboração a formação do sujeito crítico aos denominadores da sociedade.

Em suma, o desenho tem, em sua natureza, a capacidade na descoberta de elementos para formar conceitos e dialogar pelo acesso distribuído na linguagem do mosaico, o estímulo à concepção dos traços como direcionador de representações modeladoras dos revestimentos cerâmicos e azulejos. O desenho desperta percepções na experiência vivenciada em sala de aula, como composição concreta na autonomia dos seus significados e características, logo, os traços entrelaçados ao pensamento do artista-

pesquisadores ampliaram de formas instigantes, observando os registros da experiência transformadora dos alunos.

4. REFERÊNCIAS

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam**: a leitura da imagem e o ensino da arte. Ed. Cortez/Fapesp/ Educ. São Paulo, 2002.

DELEUZE, Giles. **Imanências: uma vida...** Philosophie, n.º 47, 1995, p. 3-7. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079/19291> pd> Acesso em: 08 Set de 2017.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 4. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Trad. Vera Ribeiro. (Coleção Todas as Artes). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MUCCI, Alfredo. **A Arte do mosaico**. Compêndio histórico da arte musiva. Ed. Ao livro técnico. Rio de Janeiro, 1962.

READ, Herbert. **A Educação pela Arte**. Trad. Valter L. Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RINALDI, Doris. **O traço como marca do sujeito**. Pepsic. 2007. Disponível em: < https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100008 pdf > Acesso em: 02 Set. de 2017.

RUAS, Isabel. **Mosaicos na arquitetura dos anos 50**: quatro artistas modernos em São Paulo. São Paulo. Ed. Via das Artes, 2014.

ZERBST, Rainer. **Gaudí**: Arte y Arquitectura. Ed. Taschen, 2003.